

Valentes viris e violentos em obras de Guimarães Rosa e de autores do cordel – o rapto

Valiant virile and violent in works by Guimarães Rosa and cordel authors – the abduction

Kelly Cristina Medeiros Ferreira

Universidade Federal do Ceará

Claudia Campos Soares

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O trabalho objetiva verificar as aproximações e distanciamentos concernentes ao registro da virilidade na novela “Corpo fechado”, componente de **Sagarana** (1946), de João Guimarães Rosa, e dois romances relacionados ao ciclo dos valentes da literatura de cordel - **História de Mariquinha e José de Souza Leão** (1937?), de João Ferreira de Lima (PE/1902-PE/1972) e **Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul** (s/d), de José Pacheco da Rocha (AL?/1890?-AL/1954?). Interessa-nos a constituição viril do valente e a de seu contraponto o valentão, bem como suas relações amorosas e a prática do rapto. Nossa leitura se realiza sob o enfoque comparado e sob o viés sociocultural em interface com o campo das sensibilidades e, por conseguinte, importa-nos os pensamentos, entre outros, de Alain Corbin ([2012] 2013), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Luiz Roncari (2007) e Idelette Muzart-Fonseca dos Santos ([1997] 2006).

Palavras-chave: Guimarães Rosa; literatura de cordel; valente; virilidade; rapto.

Abstract: The work aims to verify the approximations and distances concerning the registration of virility in the novel “Corpo Fechado”, component of **Sagarana** (1946), by João Guimarães Rosa, and two novels related to the cycle of the valiant of cordel literature - **História de Mariquinha and José de Souza Leão** (1937?), by João Ferreira de Lima (PE/1902-PE/1972) and **Os prantos de Cacilda and the revenge of Raul** (s/d), by José Pacheco da Rocha (AL?/1890) ?-AL/1954?). We are interested in the virile constitution of the brave man and that of his counterpoint, the bully, as well as his love relationships and the practice of kidnapping. Our reading is carried out under the comparative approach and under the sociocultural bias in interface with the field of sensibilities and, therefore, we are interested in the thoughts, among others, of Alain Corbin ([2012] 2013), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Luiz Roncari (2007) and Idelette Muzart-Fonseca dos Santos ([1997] 2006).

Keywords: Guimarães Rosa; literature of twine; brave; virility; abduction.

Recebido em 01 de setembro de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Este trabalho propõe um diálogo entre a obra de Guimarães Rosa (MG/1908-RJ/1967) e de autores da literatura de cordel. Embora “Corpo fechado”, novela de **Sagarana** (1946), **História de Mariquinha e José de Souza Leão** (1937?), de João Ferreira de Lima (PE/1902-PE/1972), e **Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul** (*s/d*), de João Pacheco da Rocha (AL?/1890?-AL/1954?) sejam o seu foco, invocaremos, no decurso do trabalho, outras narrativas de Guimarães Rosa e de outros autores da literatura de cordel elaboradas entre as décadas de 1930 a 1960¹ para observar, no *corpus* literário, traços da projeção das “sensibilidades” da época, meados do século XX, já que buscamos “explicar como podría haber sido la experiencia sensible de otro tiempo por los rastros” deixados, citando Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 371) no artigo “Sensibilidades, escritura y lectura del alma”. Por tais rastros, perseguimos a construção viril do valente e do valentão, contraponto do primeiro, bem como suas relações amorosas e a questão do rapto nos textos arrolados.

Cabe, inicialmente, esclarecer a designação “ciclo dos valentes”, advinda do campo da literatura de cordel. Trata-se de um conjunto de narrativas que enfoca a figura do sertanejo valente no enfrentamento e consequente vitória diante de situações injustas. E também denominado “ciclo heróico” e “ciclo de bravura”, nomenclatura bastante difundida nos folhetos (narrativas de 8 a 16 páginas) e romances (narrativas de 24 a 64 páginas). É preciso ainda destacar que muitas narrativas podem transitar por diferentes ciclos temáticos. Eis um dos aspectos do cordel, literatura movediça que escapa à rigidez classificatória. Outro aspecto a iluminar diz respeito à problemática datação dos textos do cordel, já que os poetas inicialmente não tinham tal preocupação e os editores-proprietários costumavam datar os poemas a cada tiragem. A preocupação com a autoria e os direitos autorais tornou-se mais corrente a partir da segunda metade do século XX, posterior, portanto, à demarcação do nosso *corpus*.

¹ As datações dos textos da literatura de cordel referem-se às edições mais antigas encontradas em nossa pesquisa. Contudo, é considerável a possibilidade de esses textos terem circulado anteriormente. Seguem as referências de nosso *corpus* central do cordel.

a) **História de Mariquinha e José de Souza Leão** (1937?), de João Ferreira de Lima. 32 p. *In*: Portal de literatura de cordel – USP. Disponível em: https://usp.br/portaldocordel/folheto_cordel.php?cod=13953&s=cordel Acesso em: 05 dez. 2021.

b) **Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul** (*s/d*), de José Pacheco da Rocha. 32 p. A indicação mais antiga encontrada data de 1961, conforme se registra *In*: Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em usp.br/portaldocordel/folheto_cordel.php?termo=os+prantos+de+cacilda+e+a+vinganca+de+Raul. Acesso em: 18 fev. 2022. O autor morreu muito provavelmente em 1954. Como ao final de sua vida, consta que havia se entregado ao alcoolismo, o texto deve ter sido escrito entre as décadas de 1930 e 1940.

Se a trajetória biobibliográfica de João Guimarães Rosa dispensa apresentação, o mesmo não ocorre com os autores do cordel que o ladeiam nesse estudo, José da Rocha Pacheco e de João Ferreira de Lima. Ambos exerceram grande influência sobre uma série de poetas de bancada através de seus títulos de ampla repercussão. Diferencia-os, entre outros, o fato de Pacheco da Rocha ser um autor mais profícuo quando comparado a Ferreira de Lima. Vejamos, pois, um diálogo possível entre as obras selecionadas que estabelecemos nesse estudo de perspectiva interartes.

Nosso olhar sobre a literatura de cordel está em consonância com o pensamento de Idelette Muzart-Fonseca dos Santos que, em **Memórias das vozes: cantoria, romanceiro e cordel**, publicado em 1997, refuta a ideia folclórica de autor anônimo, “confundido na massa do autor-legião” e defende a materialidade do poeta de bancada e de sua obra, que “constitui geralmente um documento datado, e ignorar suas condições históricas e socioculturais de produção deturpa sua compreensão”. (SANTOS, 2006, p. 139). Trata-se, assim, de um sistema literário com suas particularidades e cuja construção levada a cabo pelo poeta ajusta-se a aspectos diversos relacionados à tríade autor-obra-público.

Compreendemos a virilidade como um elemento estruturante da sociedade sertaneja (quer se trate do sertão de Rosa ou do sertão das narrativas de cordel). Conforme Alain Corbin (2013, v. 2, p. 9) em **História da virilidade – o triunfo da virilidade**, publicado em 2012, trata-se não somente de “uma simples virtude individual. Ela ordena, irriga a sociedade, cujos valores ela sustenta. Ela induz efeitos de dominação”. Nesse sentido, o estudo da virilidade oferece o ensejo para a análise da construção de uma masculinidade aos moldes mais tradicionais que se intersecciona a diferentes formas de opressão historicamente naturalizadas. Eis o que procuramos observar no sertão representado nas obras em questão, com seus costumes de longa antiguidade, sobretudo no que se refere à prática do rapto de mulheres, tópico de nosso particular interesse.

Os dicionários consultados acerca do vocábulo “rapto” atribuem três significados que mais interessam a este estudo: a) ação ou efeito de sequestrar alguém e mantê-lo aprisionado como refém; b) ação de sequestrar uma mulher com fins libidinosos; c) furto, rapina. O segundo nos interessa particularmente. Talvez esse sentido advenha das histórias antigas dos raptos de Perséfone, Medusa e das sabinas, entre muitos outros, que envolvem uma ambiência visceralmente passional. Semelhantes a esses são os casos reais ocorridos no sertão, como veremos. A punição para esses casos se apoia numa legislação

controversa, haja vista a criação de leis orientadas para favorecer o masculino em detrimento do feminino. Exemplar de tal favorecimento é a tese da defesa da honra, que tanto contribuiu para a instalação de uma cultura feminicida, somente considerada inconstitucional no Brasil no ano de 2021. Cite-se ainda os códigos penais de 1890 e 1940 para estupro e rapto. Ambos vigoraram no contexto da produção de nosso *corpus*. A vítima, nos referidos códigos, para ser levada em maior consideração, deveria atender a certos critérios, como ser honesta e/ou de menor idade. Ou seja, a lei coloca a mulher sob escrutínio, julgando-a previamente, ao invés do crime ou do criminoso em si.

Essa era a lei escrita, mas a lei em voga no sertão era a da vingança e a da defesa da honra; e ambas prescreviam usualmente a morte para o infrator. Em nossa leitura, acompanharemos dois tipos de rapto: o rapto por violência, perpetrado pelo valentão a fim de arrebatá-la do corpo da mulher; e o rapto consentido, praticado pelo valente em consonância com a “vítima”, para retirá-la do jugo do pai.

Entre valentes e valentões – a lei e a regra

Nosso valente caracteriza-se por ser um homem que, diante de uma situação adversa, terá que se posicionar; sua luta/valentia, portanto, é pontual e não forma de vida, como a dos jagunços e cangaceiros, figuras já amplamente examinadas, respectivamente, pelas críticas rosiana e do cordel. Nosso valente age em função de uma causa amorosa e difere do valentão, homem acostumado a demonstrações desmedidas de força e de violência; esse será observado como contraponto daquele neste trabalho. Estabelecemos, assim, aproximações entre os valentes rosianos e os do cordel, apontando, entretanto, também diferenças entre eles.

Os personagens valentões, nos dois casos, se aproximam por firmarem seu poderio impondo-se sobre as mulheres. Distanciam-se, contudo, no que se refere à descrição física e temperamento: na obra de Rosa em exame, surgem na forma de homens mais jovens e fortes, enquanto que, nos folhetos e romances do cordel em pauta, surgem, maiormente, sob a forma de ricos e autoritários fazendeiros mais velhos. Logo, o poder daqueles exerce-se através do avantajado vigor físico e desses, por meio da influência econômica. Em ambos os casos, entretanto, cabe ao valente agir com destemor e/ou astúcia.

Entre os aspectos tocantes à temática da virilidade encontramos também: organização patriarcal da sociedade, violência, racismo, misoginia, vingança e repressão

sexual. É preciso de antemão apreender que a virilidade é: a) um constructo social; b) remete a questões do universo masculino, mas não se restringe a ele; c) trata-se, portanto, de um conceito móvel, influenciado pelas contingências do tempo e do espaço. Sob essa perspectiva, interessa-nos também observar nas obras estudadas a vida amorosa e suas implicações, muitas vezes, violentas ambas as sociedades sertanejas (a de Guimarães Rosa e a das narrativas de cordel), que ainda guardam elementos provenientes do escravismo, mandonismo e colonialismo.

Essa constituição social, caracterizada ainda pelo desrespeito e/ou ausência de leis ou do Estado e pela concentração de terras e/ou poder nas mãos de poucos, levou ao cometimento de múltiplos abusos perpetrados pelos dois tipos de valentões mencionados – homens fortes e/ou ágeis confiados em sua disposição e/ou habilidade (representados na obra de Guimarães Rosa) e homens ricos apoiados pelo poder aquisitivo e seus “cabras” (presentes na obra de Ferreira de Lima e Pacheco da Rocha, entre outros). Na obra de Guimarães Rosa, contudo, há também fazendeiros que agem como valentões, como Ricardão, Hermógenes e o próprio grande chefe Joca Ramiro. Nas obras de Cordel, entretanto, abundam homens fortes e/ou ágeis confiados em sua disposição e/ou habilidade, tais como Antonio Cobra Choca e Jerônimo, entre muitos outros.

Vejam como a questão se coloca nas principais obras em questão. Em “Corpo fechado”, sétima novela de **Sagarana**, Manuel Fulô terá que defender sua noiva, das Dor, da ameaça de rapto anunciado por Targino, um brigão do arraial.² Em **História de Marquinha e José de Souza Leão**, o protagonista terá que fugir com sua amada; trata-se de um rapto consentido, uma vez que a moça está de acordo com a união, mas seu pai, o poderoso capitão Oliveiros Vasconcelos, não consente no relacionamento. Já em **Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul**, o rapaz terá que enfrentar o major Eufrásio que raptou e estuprou sua amada. Os antagonistas são, em todos os casos, homens temidos e violentos, considerados os valentões de suas localidades. Vejam como se dão, nessas narrativas, as ações de tais personagens que, de diferentes formas, invocam velhos costumes e relacionam-se com a noção de virilidade e suas ideias contíguas de demonstração de força, honra e poder.

² Em “Corpo fechado” encontra-se verdadeira exposição analítica sobre a figura do valentão: regras (só poderia haver um valentão de cada vez em cada localidade), destinos (prisão, assassinato, morte por acidente ou por doença) e categorias (em ordem valorativa crescente - subvalentão, valentão, valentão valente) são explicitados.

Targino, o valentão do lugar, atualizou o direito da primeira noite, *primae noctis*, que remonta à Idade Média. Trata-se do costume que daria ao senhor feudal a prerrogativa de desvirginar a noiva de um servo na noite de seu casamento. Mito, direito oficial ou ato officioso, a *primae noctis* ilustra uma das formas assumidas pela violência patriarcal no âmbito sexual devido às relações assimétricas estabelecidas entre poderosos e homens e mulheres sujeitas a tal poderio. É o que acontece no sertão de “Corpo fechado”. É desta forma que Targino – “feio como um defunto vivo, gasturento como faca em nervo, esfriante como um sapo – Sua Excelência o Valentão dos Valentões” – comunica a Manuel Fulô a decisão de “visitar” sua noiva na noite de núpcias:

- Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei das Dor, e venho visitar sua noiva, amanhã... Já mandei recado, avisando a ela... É um dia só, depois vocês podem se casar... Se você ficar quieto, não te faço nada... Se não... – E Targino, com o indicador da mão direita, deu um tiro mímico no meu pobre amigo, rindo, rindo, com a gelidez de um carrasco mandchu. Então, sem mais cortêsias, virou-se e foi-se. (ROSA, 2009, v. 1, p. 204-205)

A frieza de Targino ao anunciar sua decisão de dormir com a mulher do outro encontra paralelo nos elementos que o descrevem – defunto, faca, sapo e o gélido carrasco mandchu. Sua disposição em violentar a mulher, expressa diretamente, sem qualquer rodeio, relaciona-se à ampla inculcação do pensamento viril naquele meio, assentado na lógica ininterruptamente expansionista sobre o Outro – o Outro mais fraco. E não só em relação à mulher, mas a qualquer ser em alguma ordem considerado passível de dominação. Assim, “ser viril é sempre colocar sobre os olhos dos outros a afirmação da própria existência, impor a expansão do próprio eu e a própria vontade”, conforme Claude Thomaset no artigo “O medieval, a força e o sangue”, integrante de **História da virilidade** – a invenção da virilidade (2013, v. 1, p. 201). Nesse código de dominação, o poder do homem sobre o Outro – e, em se tratando de uma sociedade patriarcal, especificamente, sobre a mulher – firma-se solidamente, já que amparado por uma praxe ancestral, cujos reflexos resvalam, por exemplo, na construção da legislação, conforme os códigos penais anteriormente citados.

Em **História de Marquinha e José de Souza Leão** temos outra antiga categoria de violência patriarcal de cunho sexual - o casamento arranjado, que parece se revelar nos motivos da interdição ao envolvimento amoroso com José de Souza Leão imposta pelo pai à Mariquinha. O romance centra-se nos lances de coragem do jovem enamorado, “rapaz de tipo elegante” que emigrou do Ceará por causa de uma seca e veio trabalhar em

Pernambuco na fazenda do temido capitão Oliveiros Vasconcelos – que, a propósito, já matara mais de cem homens. O controle rigoroso do pai se repete em diversos romances do cordel e resulta, muitas vezes, no rapto consentido da moça. Em muitas narrativas o relacionamento principia com uma confissão ou carta apaixonada da jovem e o rapaz aceita o amor e o desafio que consiste em raptar a donzela e enfrentar a ira do pai opressor. Vejamos algumas delas.

As aventuras de Luiz e Lúcia (1941?)³, 16 p., de Luiz Gomes de Albuquerque, segue, em linhas gerais, o esse mesmo enredo. O folheto descreve como o herói Luiz da Rocha Leão, filho de fazendeiro e vindo do Maranhão, viajou para o Piauí onde conseguiu emprego na fazenda do malvado capitão Miguel da Costa Brandão. Lá o enfrentou e venceu, casando-se, enfim, com sua filha Lúcia. Vejamos algumas passagens dos poemas de Ferreira de Lima e Gomes de Albuquerque, respectivamente:

O bilhete dizia assim:
Eu nasci para te amar,
Te entrego meu coração –
José de Souza Leão,
Tenha dó do meu penar!

Os rapazes desta terra
Não me pedem a casamento:
Todos temem a meu pai!
Vivo neste sofrimento,
Sem carinho e sem agrado –
Meu pai é quem é culpado
Deste meu padecimento! ((LIMA, 1977, p.12-13)

Lúcia mandou a criada
Dar a Luiz um recado
Dizendo: o meu coração
Por ti vive apaixonado
Me leva pra tua terra
Oh! meu anjo abençoado (ALBUQUERQUE, s/d, p. 5)

Como se pode notar, a donzela, movida pelo desespero diante da severa reclusão imposta pelo pai, toma a iniciativa do namoro. É bastante relevante essa subversão filial,

³ Segue a referência mais antiga que encontramos desse texto. In: **Catálogo de cordéis** – biblioteca de obras raras Átila de Almeida. p. 11 Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=132028> Acesso em: 12 fev. 2022.

motivada pelo desespero diante da intensidade da opressão, à autoridade paterna em ambiente patriarcal.

O rapto consentido se repete em diversas narrativas do cordel; trata-se de uma entre outras instituições oficiosas do sertão e converte-se em saída para contornar o excessivo controle paterno. Segundo Luís da Câmara Cascudo (2002, p. 233) no capítulo “Superstições e costumes” de **Superstição no Brasil**, o rapto de moça constitui um costume, “não universal, mas espalhadíssimo e milenar”. [...] Primeiro, na forma primária e literal do roubo à força. Depois, vivo nos elementos da fingida resistência feminina.” No continente americano, “missionários e viajantes registraram centenas de exemplos até meados do século XIX”. Em relação aos “povos cavaleiros, o rapto da moça determinava a perseguição para a retomada e represália. Era uma galopada furiosa, através da noite, em busca do valente atrevido e sua presa feminina.” (CASCUDO, 2002, p. 233)

A compra da noiva veio em seguida como “dulcificação da conquista de outrora” (CASCUDO, 2002, p. 233). Essa “dulcificação” fomentou um verdadeiro mercado humano, em vigor até hoje em algumas regiões, o que revela a manutenção do poder da figura masculina sobre a feminina. Nas narrativas do cordel, para pôr em prática a empreitada de desafiar o poder do pai e raptar a filha são necessárias duas competências de extrema importância: coragem e astúcia, atributos viris, como já foi dito aqui. Essas qualidades estão presentes, por exemplo, no plano elaborado para a fuga em tanto em **História de Marquinha e José de Souza Leão** quanto em **As aventuras de Luiz e Lúcia**. A reação violenta dos pais no momento em que descobrem a partida do casal nas narrativas de Ferreira de Lima e de Gomes de Albuquerque o demonstram:

O capitão deu urro,
Que a terra estremeceu –
Uma dama desmaiou,
Uma moça adoeceu,
A negra ficou doente,
Tinha um leão na corrente,
Quebrou os ferros e correu!

[...]

Matem aquela infeliz,
deixem o urubu comer,
E matem José de Souza!
Suceda o que suceder,
Não façam gosto a nenhum –
A orelha de cada um
É só o que quero ver! (LIMA, 1977, p. 22-23)

Babava e rangia os dentes
 Pior do que os dragões
 E contra Luiz e Lúcia
 Soltando mil maldições
 Dizendo: onde eu pegá-los
 Arranco os seus corações.

Mandou logo reunir
 Cento e trinta cangaceiros
 Seguiram atrás dos fugidos
 Acharam logo os roteiros
 Esperavam saciar
 Seus instintos carniceiros. (ALBUQUERQUE, *s/d*, p. 10)

A hipérbole, bastante presente nesses trechos, é um recurso muito empregado na poesia popular, tanto na poesia oral como na literatura de cordel, pois, para o sertanejo, o exagero na descrição de um ser ou de suas qualidades valoriza o elemento que se deseja realçar, conforme atestam Sílvia Romero em **Estudos sobre a poesia popular** (1977) e Câmara Cascudo em **Literatura oral no Brasil** (2006). Nos fragmentos acima, o exagero marca, para além da fúria do patriarca diante de uma desobediência à sua vontade soberana, o pavor que tais acessos de cólera despertavam nos que o rodeavam, porque conheciam as consequências dos rompantes dos fazendeiros.

Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul centra-se em outra violência de cunho sexual – o rapto seguido de estupro, como em “Corpo fechado”. Neste conto, entretanto, o estupro não se consuma,⁴ enquanto que, na narrativa de cordel a ameaça do valentão se cumpre, o que vai provocar a vingança. Após ser rejeitado por Cacilda Bandeira, “moça de certa idade / rainha da formosura / primor de vivacidade”, por causa de Raul Tavares de Lira, “Varão muito interessante / Musculoso, ativo e forte”, o major Eufrásio, “rico desde a mocidade / um solteirão de quarenta / caixa de perversidade”, elabora um plano para afastar o casal: faz com que Raul seja alistado e convocado para servir na capital (ainda que não tenha idade para tanto), sequestra e estupra a jovem mantendo-a refém por meses em sua casa. Vejamos o trecho em que Cacilda, após ser expulsa por Eufrásio, chega à capital e relata a Raul o ocorrido.

- Eufrásio, aquele tirano
 Que tu conheces demais,
 E sabes que sempre foi
 Impiedoso e voraz
 Compreendeu de deixar-me

⁴ Mais adiante esse desfecho será discutido em mais detalhes.

Sem virgindade e sem paz

- Mandou carregar-me a pulso
 Passei sob o seu poder
 Quatro meses de tormento
 E depois por não poder
 Vencer-me, com raiva disse:
 - Pode desaparecer! (ROCHA, *s/d*, p. 29)

O drama de Cacilda assemelha-se ao de Flausina, narradora-personagem de “Esses Lopes”, conto integrante de **Tutameia** (Terceiras estórias), de Guimarães Rosa, publicado em 1967. O conto narra a saga dessa mulher sob o jugo dos Lopes: fora obrigada a viver, seguidamente, com vários homens dessa família. As trajetórias das personagens diferem, entretanto, pelo fato de Cacilda demonstrar aberta resistência ao opressor ao passo que Flausina prefere esconder seus sentimentos.

Mal com dilato para chorar, eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igreja. O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. Mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Aguentei aquele caso corporal.

[...]

Ninguém põe ideia nesses casos: de se estar noite inteira em canto de catre, com o volume do outro cercando a gente, rombudo, o cheiro, o ressonar, qualquer um é alheios abusos. A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafo daquele, sempre rente, no escuro. Daninhagem, o homem parindo os ocultos pensamentos, como um dia come o outro, sei as perversidades que roncava? Aquilo tange as canduras de noiva, pega feito doença, para a gente em espírito se traspassa. Tão certo como eu hoje estou o que nunca fui. Eu ficava espremida mais pequena, na parede minha unha riscava rezas, [...] (ROSA, 2009, v. 2, p. 566-567)

Flausina, na verdade, age dessa forma porque, como ela mesma diz, aprendeu “a lição de ter juízo” e passou a tramar sua terrível vingança, por meio da qual se livrou de todos os Lopes e herdou as propriedades deles. A protagonista do conto adquiriu, inclusive, o direito de contar sua própria história: Flausina é a narradora de “Esses Lopes”. Nesse sentido, sua trajetória é bastante original, até mesmo dentro da obra rosiana.

O comportamento do major Eufrásio assemelha-se ao dos Lopes. O poder tirânico imposto por tais homens reflete características basilares da sociedade brasileira – sua profunda hierarquização social e seu caráter militarizado. Interessa notar que os pais de Mariquinha e Lúcia detêm a patente de capitão, enquanto o raptor de Cacilda possui a de major. Henry Koster (1942) em **Viagens ao Nordeste do Brasil**, livro escrito na Inglaterra entre 1815 e 1816, assim explica a constituição militarizada da sociedade brasileira: “O conjunto da administração no Brasil é militar. Todos os homens de sessenta

a dezesseis anos, devem ser arrolados entre os soldados de Linha, na Milícia ou pertencer às Ordenanças.” (KOSTER, 1942, p. 259). Os regimentos da Milícia eram comandados pelos ricos proprietários de terra que detinham as patentes superiores - coronel, major, capitão e tenente.

Em **A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete** (1957?⁵), 16 p. de Pedro Armando dos Santos, os dois tipos de rapto (violento e consentido) são tratados. Inconformado com o relacionamento da filha Ivonete como o forasteiro Juquinha, rapaz oriundo de Sergipe, o pai contrata homens para matar o jovem. Ivonete avisa o amado através de uma carta e eles decidem fugir. Mais uma vez, portanto, é a moça quem toma a iniciativa de procurar uma alternativa à opressão. Os homens contratados pelo pai, entretanto, resolvem matar o contratante e o noivo e raptar Ivonete:

Vamos deixar os dois noivos
Nessa apressada fugida,
Para falar dos bandidos,
Cada uma fera homicida –
Queriam matar o velho,
Tomar-lhe a filha querida. (SANTOS, 1976, p. 10)

O pai de Ivonete, entretanto, consegue fugir e refugia-se no mato, enquanto os bandidos seguem ao encalço do casal. Há, enfim, o confronto, os enamorados lutam e vencem. Ao final, os dois se casam com a bênção dos pais de Ivonete.

Mentalidade análoga observamos nos casos reais de rapto de meninas e moças cometidos por cangaceiros do bando de Lampião, entre eles o de Dadá, Sérgia Ribeiro da Silva (PE/1915-BA/1994), por Corisco, Cristino Gomes da Silva (AL/1907-BA/1940), apelidado também de o Diabo Louro. Aos doze anos, Dadá foi sequestrada e violada. A violência a que foi submetida foi de tal ordem que a menina teve febre e hemorragia. Outro caso emblemático é o de Dulce Menezes dos Santos (SE/?-SP/-), vendida pelo cunhado e violentada aos treze ou quatorze anos por Criança, João Alves da Silva (SE?-SP/1997), em uma festa de fazenda sob o silêncio dos convidados. Ambas foram obrigadas a seguir e se casar com seus algozes.

Esse sistema de opressão também movimenta, em **Primeiras estórias**, o conto “Fatalidade”, que focaliza o drama de José de Tal ou Zé Centralfe, um pobre

⁵ Segue a referência mais antiga que encontramos desse texto. In: **Catálogo de cordéis** – biblioteca de obras raras Átila de Almeida. p. 34 Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=132028> Acesso em: 18 fev. 2022.

enxadachim. Zé “[d]ava-se de entre vinte-e-muitos e trinta anos; devia de ter bem menos, portanto. Miúdo, moído”, vê-se obrigado a fugir do arraial do Padre-Nosso, onde vivia com a esposa, pois sofriam com o constante assédio do valentão Herculínio Socó sobre a mulher. O nome desse último personagem alude à sua força e seu físico descomunal: estabelece uma relação com a figura do herói Hércules, símbolo de força física, intensificada pelo aumentativo.

Sem poder contar com o apoio das autoridades competentes (ali “a marca da autoridade” “se estava em falta” – ROSA, 2009, v 2, 439), Zé Centralfe e a mulher fogem para o arraial do Amparo, onde também não encontram amparo, pois o perseguidor os segue. Por fim, o marido decide ir “pedir providência” ao “poeta, professor, ex-sargento de cavalaria e delegado de polícia” (ROSA, 2009, v. 2, p. 438). Afirma o sertanejo ao delegado “de vasto saber”: “- Sou homem de muita lei... Tenho um primo oficial-de-justiça... Mas não me abrange socorro... Sou muito amante da ordem...”. Como se vê, até então, o sertanejo não pôde contar com a proteção das instituições sociais. E não será no delegado que a encontrará. Esta é a resposta que o representante da justiça dá a Zé Centralfe: Não estamos debaixo da lei, mas da graça” (ROSA, 2009, v. 2, p. 438).

Na continuação do conto, o delegado deixa subtendido que a função que representava não tinha força para se impor ao valentão e deixa subentendido que o caso só poderia ser resolvido com o assassinato de Targino. Zé Centralfe, então, se prepara para emboscar o valentão e efetivamente atira no valentão quando o vê. Entretanto, quando o faz, o delegado estava por perto e sugere-se que ele também tenha atirado em Targino, o que deixa indeterminado o assassino do valentão. Diz o narrador: “dois tiros tinham se ouvido?” O segundo não poderia ser de Herculínio, uma vez que ele “não teve tempo” de se defender (ROSA, 2009, v. 2, p. 440). Vale dizer: mesmo para um representante da lei, somente por meio da violência é possível trazer alguma forma de “justiça” para o sertão.

Luiz Roncari, em **O cão do sertão: literatura e engajamento**, publicado em 2007, especialmente no artigo “O cão do sertão no arraial do ão”, no qual analisa a novela “Dão-Lalalão”, de **Corpo de baile** (1956), percebe a violência instalada no sertão como resultado da ausência de instituições reguladoras do Estado e presença do patriarcado. Tal como Zé Centralfe, Manuel Fulô, de “Corpo fechado”, vê-se impossibilitado de recorrer às autoridades locais – o padre, o subdelegado e o coronel Melguério. Cada uma dessas figuras representa um nível de autoridade – o delegado corresponde à autoridade oficial,

central; o coronel personifica a autoridade local e o padre encarna a autoridade religiosa/moral. Contudo, todos de algum modo se esquivam de ajudar nosso protagonista e sucumbem à “regra” do sertão:⁶

O Coronel era boa pessoa, só que o chamavam de berda-Merguério. Ouviu, deu de ombros e indeferiu:

- Se o senhor quiser, pode arranjar quem pegue o Targino à unha, que a autoridade aprova. Agora, gente p'ra isso não há por aqui... Ninguém não tem sopro p'ra esse homem...

Então fui ao vigário. O reverendo olhou para cima, com um jeito de virgem nua rojada à arena, e prometeu rezar o que não recusei, porque: dinheiro, carinho e reza nunca se despreza.

[...]

... E logo de cochicho em cochicho, formou-se uma corrente informativa:... o subdelegado, saía do arraial de madrugada, para assunto urgente de capturar, a duas léguas do comércio, um ladrão de cavalos... (ROSA, 2009, v. 1, p. 207).

Percebe-se certo desrespeito à figura do coronel Melguério, já que seu nome é pela comunidade aproximado à ideia de merda – “berda-Merguério”. Tal forma de tratamento demonstra que este coronel não concentra tanto poder, o que se confirma quando diz que não pode resolver o problema de Manuel Fulô (defender a ele e à mulher) de Targino, pois não tem pessoal qualificado para isso. E, se o coronel não pode ajudar, o padre muito menos: contenta-se em meramente rezar. O subdelegado, por sua vez, inventa uma diligência de última hora para justificar sua ausência do arraial. As autoridades do arraial não podem conter Targino e preferem não interferir na contenda, mantendo-se distanciados dela.

Em “Estória n. 3”, conto integrante de **Tutameia**, Joãoquerque, pretendente de Mira, “viúva recém, sem penhor de estado nem valedio pronto”, apavora-se ao ouvir a voz do “vilão Ipanemão, cruel como brasa mandada, matador de homens, violador de mulheres, incontido e impune como o rol dos flagelos”, que bradava à porta da casa da moça. Somente o vozerio de Ipanemão, aquele que era o “dono das variedades da vida,

⁶ José Miguel Wisnik, em palestra exibida pela TV Cultura no ano de 2004, sobre “A hora e a vez de Augusto Matraga”, conto de Sagarana, explana sobre a diferença que se estabelece no sertão entre a “regra” (poder arbitrário que beneficia amigos e se volta contra os inimigos) e a “lei” (ordenamento que paira igualmente sobre todos). Para esclarecer as ideias de “regra” e “lei”, Wisnik cita um velho ditado: “Para os amigos tudo, para os inimigos o rigor da lei”. A fala de Joãozinho Bem-Bem, chefe de jagunços, no conto referido acima, ao não conceder perdão ou permuta de pena ao pai de um homem que assassinara um jagunço de seu bando, também serve para situar a questão da regra no sertão: “Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição?... É a regra. Posso até livrar de sebaça, às vezes, mas não posso perdoar isto não... Um dos dois rapazinhos seus filhos tem de morrer, de tiro ou à faca, e o senhor pode é escolher qual deles é que deve de pagar pelo crime do irmão. E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens...” (ROSA, 459-460)

mandava no arraial inteiro” foi o suficiente para forçar a fuga desonrosa, angustiada e trôpega de Joãoquerque pelo quintal. (ROSA, 2009, v. 2, p. 567)

Das Dor, Cacilda, Ivonete, Flausina, a esposa de Zé Centralfe, Dadá, Dulce e Mira sofrem as consequências da cultura do estupro instalada no sertão e sua culpa, falta ou crime reside em, tal como Medusa, serem bonitas e despertarem a atenção dos homens. Nossos protagonistas, por sua vez, são, quase todos, homens ordeiros que, movidos por uma experiência brutal, são impulsionados a agir do mesmo modo para contenção de uma violência desmedida. Corajosos, atuam para defender a amada em uma terra onde vigora a lei do mais forte. Em última instância, o que estaria em questão, caso não agissem conforme o costume, seria sua honra e, no sertão, homem desonrado não encontra guarida, já que a regra ou a lei imemorial exige prestação de contas e a moeda corrente para tanto é o sangue.

Essa mentalidade se mostra em “Estória n. 3” quando, após fugir pelos fundos da casa de Mira com medo de Ipanemão, Joãoquerque conclui que sua escapadela havia sido inútil, pois “[a] vão querer escapular, seguir derrota, imundo de vexame. [...] – aonde que viesse esse havia de o escafuar – nem lhe valesse o fraquejo. *Valia era o sossegado morrer...*” (ROSA, 2009, v. 2, p. 570). O sertão não tolera o ato desonroso e seu autor não merece o respeito da comunidade.

Eis o que também se passa “Duelo”, quarta novela de **Sagarana**, que descreve as implicações de um enredado jogo de morte no qual a possibilidade de retroceder inexistente, pois a “regra” “veio pôr dois bons sujeitos, pacatíssimos e pacíficos, num jogo dos demônios, numa comprida complicação” (ROSA, 2009, v.1, p. 112). É em nome da honra e da vingança que Turíbio Todo e Cassiano Gomes se consomem mutuamente.

Quanto às mulheres, das Dor, a noiva de Manuel Fulô, desempenha o papel de moça reservada que o patriarcado impõe. Diferentemente, muitas moças retratadas nos folhetos e romances de cordel não cumprem tal papel, a exemplo de Mariquinha, Isabel e Ivonete que desafiam a autoridade paterna e namoram às escondidas, respectivamente, com José de Souza Leão, Luiz e Juquinha. Já vimos que algumas delas enviam cartas propondo a fuga aos namorados. Mariquinha toma, inclusive, a iniciativa do namoro. Seguem trechos do poema de Ferreira de Lima.

Mariquinha saiu fora,
Sorrindo lhe deu bom dia,
Fez um sinal de namoro,
Um riso de simpatia,

Como quem não tem mistério.
José ficou muito sério,
Fez de conta que não via.

Mariquinha acelerada,
Vinha na ponta do pé
E, de lá do corredor,
Piscava o olho a José,
Achando bonito o moço.
O que se passou no almoço,
O capitão não deu fé. (LIMA, 1977, p. 11)

As mulheres, em muitas narrativas do cordel, mostram-se bem mais insubmissas, pois além de tomarem a iniciativa do namoro, lutam ao lado dos amados, como ocorre em **História de Geraldo e Silvina** e **A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete**.

No sertão, mundo que possui suas próprias verdades e valores, a violência transforma-se também em ato de sobrevivência. Assim, violência, valentia e vingança entrecruzam-se e se tornam a “regra” em um mundo onde os valores da virilidade se sobrepõem aos da justiça e do bom convívio social.

Valentes, viris e violentos

Como tem sido discutido aqui, a virilidade é elemento estruturante da sociedade sertaneja, seja ela a do sertão rosiano ou a das narrativas de cordel aqui comentadas. Ela impõe determinados comportamentos e costumes para homens e mulheres que podem ser verificadas nos textos estudados, pois seus personagens movimentam-se sob tais balizas.

As narrativas de Guimarães Rosa, Ferreira de Lima e Pacheco da Rocha tratam do momento em que os protagonistas vencem os antagonistas e rompem as cadeias de opressão estabelecidas, o momento de transformação, em que, por obra do inesperado, do desespero, da necessidade ou da sagacidade, o valentão encontra um valente para lhe fazer frente.

O protagonista em “Corpo fechado” não atende aos critérios das narrativas da literatura de cordel em exame, onde os protagonistas são jovens de belo porte físico e destemidos. A epígrafe da novela, quadra da cantiga da roda sobre a barata e suas mentiras, introduz uma das características do mirrado Manuel Fulô: a pabulagem.

[...] Um sujeito pingadinho, quase menino – ‘pepino que encorulou desde pequeno’ – cara de bobo de fazenda – [...] Mas gostava de fechar a cara e roncar voz, todo enfarruscado, para mostrar brabeza, e só por descuido sorria, um sorriso manhoso de dono

de hotel. E, em suas feições de caburé insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: cabelo preto, corrido, que boi lambeu; dentes de fio em meia-lua; malares pontudos; lobo da orelha aderente; testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol.

Era de uma apócrifa e abundante família Véiga, de uma veiguíssima veigaria molambo-mazelenta, tribo de trapeiros fracassados, [...] (ROSA, 2009, v. 1, p. 193-194).

Manuel Fulô é, como se vê, um pobre capiau, um habitante do campo sem maiores recursos, quase como Antônio, apelidado de Timpim ou Vinte-e-Um, de “Duelo”, outro valente por circunstância. Timpim é quem fecha o “jogo dos demônios” travado entre Turíbio Todo e Cassiano Lopes, ao cumprir, enfim, o objetivo do primeiro de matar o segundo, que dormira com sua (de Turíbio) mulher, como forma de vingança. Timpim é descrito como “um camarada meio-quilo”, “capiau, com um sorrisinho cheio de cacos de dentes”, “caguinxo”, “capiauzinho”, “tão humilde e mofino” (ROSA, 2009, v. 1, p. 128-129). Apesar disto, é ele quem conseguiu realizar a tarefa que levava Turíbio Todo à morte. Timpim o fez por lealdade a Turíbio, que lhe dera condições de salvar a vida do filho. Joãoquerque e José de Tal ou Zé Centralfe também acompanham o mirrado tipo físico prototípico da escrita rosiana analisada.

Nossos heróis franzinos, contudo, possuem uma característica singular – a tenacidade. Essa disposição em não se entregar às circunstâncias converte-se em resistência na escrita rosiana assim como a força e a astúcia o são na literatura de cordel. Manuel Fulô, Joãoquerque e Timpim, são heróis improváveis; mas Joãoquerque descobre força em si mesmo e agiganta-se diante de Ipanemão; Zé Centralfe resolve agir contra Herculinão (embora a autoria do tiro que matou o valentão não possa ser determinada); e Manuel Fulô encontra ânimo no sobrenatural em sua luta contra o valentão Targino: acredita estar com o corpo fechado, o que lhe permitiu “crescer” diante do inimigo. Vale a transcrição do embate.

Pronto! A dez metros do inimigo, Manuel Fulô parou, e rompeu numa voz, que de tão enérgica eu desconhecia, gritando uma inconveniência acerca da mãe do valentão.

[...] Cruzaram-se os insultos:

- Arreda, piolho! Sujeito idiota”...

- Atira, cachorro, carantonho! Filho sem pai! Cedo será, que eu estou rezado fechado, e a tua hora chegou!...

E só aí foi que o Manuel mexeu na cintura. Tirou a faquinha, uma quicé quase canivete, e cresceu. Targino parara, desconhecendo o adversário. Hesitava? Hesitou. (ROSA, 2009, v. 1, p. 209)

Destaque-se a variedade de nomes dos personagens rosianos, que pode ser considerada um indício da mutabilidade relativa ao processo de transformação pelo qual

passam no decurso da narrativa. No caso em questão, indica a transformação do personagem mofino em valente. Assim Manuel Fulô, ao “topar com um valentão na estrada da guerra”, acaba por “extingui-lo a ferro frio”. (ROSA, 2009, v. 1, p. 209)

Ainda sobre a luta entre valente e valentão, importa notar que ela se realiza nos planos físico e verbal, e tem sua dose de humor. No cordel, ela ocorre com a mesma desenvoltura e pode conter igualmente lances humorísticos. Em **História de Geraldo e Silvina** (1948⁷), 16 p., de José Alves Pontes, o capitão Murilo Costa, impede o namoro da única filha Silvina com o valente Geraldo que era um rapaz vindo do Maranhão “pobre, porém educado”. O jovem torna-se o gerente da fazenda. Vejamos trechos da fala de Geraldo após vencer os capangas do capitão e enfrentá-lo frente a frente.

- Conheça, velho bandido,
Nunca escolhi, nem escolho!
Em defesa do amor
Brigo de ficar zanolho!
E se apronte pra levar
Agora um soco no olho.

[...]

O velho (...) disse:
- Ó meu genrinho adorado,
Me solte por caridade
Que eu estou conformado!
E disse: - Vem cá Silvina,
Toma lá teu namorado... (PONTES, 1988, p. 14-15)

São, portanto, demonstrações de força que animam tais lutas e, muitas vezes, a fúria verbal de um contribui para a derrota do outro. São verdadeiros duelos verbais, peijas ou desafios que se apresentam aos olhos do leitor e remetem aos embates entre dois cantadores ocorridos durante as cantorias.

Finalmente, confirmamos trechos do combate final entre Raul e major Eufrásio em **Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul** e de José e o capitão Oliveiros em **História de Mariquinha e José de Sousa Leão**.

Era um dia de feira
Ele na cidade entrou
Viu Eufrásio e os dois “cabras”
Que a história narrou

⁷Esta é a referência mais antiga que encontramos desse texto: *In*: ALMEIDA, Átila A. F. de A. e SOBRINHO, José A. João Pessoa: Editora Universitária, 1978. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. p. 226.

Pôs-lhe a mão no ombro e disse:
Major, conhece quem eu sou?

Deu-lhe um tiro e o major
Ficou rodando num pé
Caiu e Raul ainda
Tornou-lhe passar o camblé
E gritou-lhe: - seu major
Vá ver o céu como ele é (ROCHA, *s/d*, p. 31)

José urgente saltou
De seu cavalo no chão,
Escalou o granadeiro
Em cima do capitão,
Fazendo uma manilha:
- Bote a bênção em sua filha –
Me diga se bota ou não!

O capitão disse: - Eu boto!
A velha disse: - Eu também!
Abraçaram-se ali todos,
O capitão disse: - Bem,
Agora bateu o jogo –
És meu genro, sou teu sogro,
Nas horas de Deus! Amém! (LIMA, 1977, p. 31)

O final feliz apresenta-se tanto nas narrativas rosianas como nas do cordel aqui comentadas e serve como recompensa aos desafios encontrados pelos protagonistas.

Consideradas as narrativas aqui estudadas, podemos afirmar, portanto, que os desafios que os valentes têm de enfrentar estão relacionados ao autoritarismo vigente no sertão, produto final da mentalidade colonial e escravista de uma sociedade marcadamente patriarcal. Tal conjuntura favorece o surgimento de muitos problemas nas relações entre homens e mulheres.

Essa ambiência despótica propicia o aparecimento de valentes e valentões – personagens centrais de nosso trabalho que, margeando entre a ficção e a história, procurou estabelecer aproximações e distanciamentos acerca de aspectos da virilidade nas estéticas rosiana e na dos autores do cordel. Perscrutamos, assim, a construção viril do valente e do valentão, contraponto daquele, bem como suas relações amorosas e a questão do rapto.

Sob esse prisma, observamos que é, sobretudo, através de demonstrações de força, seja no plano físico ou no verbal, que a situação do pretendente se altera neste ambiente regido pela lei do mais forte e onde valentia, vingança e violência são a regra. A virilidade, como esperamos ter demonstrado, opera como um elemento estruturante da sociedade

sertaneja que impõe a cada pessoa, segundo sua situação no corpo social, comportamentos e costumes especificamente determinados.

Em razão da amplitude que o estudo da virilidade pode alcançar, focalizamos um de seus aspectos/costumes amplamente difundido no sertão – o rapto, intrigante tópico sexual no qual homens e mulheres envolvem-se em um conflito visceralmente passional. Nas narrativas, a depender das circunstâncias, como foi discutido, o rapto pode adquirir feições distintas: o rapto por violência perpetrado pelo valentão, que reforça a atmosfera reinante de opressão do homem sobre a mulher; e o rapto consentido, praticado pelo valente em conluio com a amada e que configura um ato de rebeldia contra a opressão a que o pai costuma submeter a filha. Resguardadas as especificidades das obras postas em diálogo, temas como as dicotomias Feminino x Masculino, Submissão x Resistência e Medo x Coragem estão presentes em todas elas, revelando que esses sertões ficcionais são historicamente construídos e obedecem a estruturas sociais e culturais fortemente arraigadas na trajetória histórica do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Luiz Gomes de. **As aventuras de Luiz e Lúcia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qv-A3WWA0-k>. Acesso em 12 fev. 2022.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.
- CORBIN, Alain; “Introdução”. In: CORBIN, Alain COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade - o triunfo da virilidade**. v. 2. Tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- LIMA, João Ferreira de. **História de Mariquinha e José de Souza Leão**. São Paulo: Luzeiro, 1977.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Sensibilidades: escritura y lectura del alma”. In: Marta Madero y Sandra Gayol. **Formas de história cultural**. Buenos Aires: Prometeo Libros; Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento, 2007. p. 361-372.
- PONTES, José Alves. **História de Geraldo e Silvina**. São Paulo: Luzeiro, 1988.

ROCHA, José Pacheco da. **Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul**. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&pagfis=31197>

Acesso em: 18 fev. 2022.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

RONCARI, Luiz. “O cão do sertão no arraial do ão”. In. _____. **O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: UNESP, 2007. p. 15-84.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa** – v. 1. Organização e prefácio Eduardo Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa** – v. 2. Organização e prefácio Eduardo Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2009.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das vozes: cantoria, romanceiro e cordel**. Salvador: Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006, 138-142.

SANTOS, Pedro Armando dos. **A coragem de Juquinha pelo amor de Ivonete**. São Paulo: Luzeiro, 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gTh5BV-7Zio>. Acesso em: 18 fev. 2022.

THOMASET, Claude. “O medieval, a força e o sangue”. In: CORBIN, Alain COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade - o triunfo da virilidade**. v. 2. Tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2013.

WISNIK. José Miguel. “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MM_R0g46Muc Acesso em: 25/08/2022.